

A máquina que arrasta o que está no caminho¹

Scheyla Joanne Horst (UFPR)

Nós não passamos nas ferrovias; elas é que passam sobre nós. Vocês já pensaram o que são aqueles dormentes sob a ferrovia? Cada um deles é um homem [...]. Os trilhos são postos por cima deles, e eles são cobertos com areia, e os vagões correm suavemente sobre eles.

(THOREAU, 2018, l. 1.434).

*Lá vai o trem maior do mundo
Vai serpenteando, vai sumindo
E um dia, eu sei não voltará
Pois nem terra nem coração existem mais.*

(DRUMMOND, 2017).

Nas Minas Gerais de Carlos Drummond de Andrade, em 25 de janeiro de 2019, às 12h28, a “máquina do mundo se entreabriu na escuridão maior vinda dos montes”². Uma mina desativada e operada pela mineradora Vale se rompeu no pequeno município de Brumadinho, na Região Metropolitana da capital Belo Horizonte. “Tudo se apresentou nesse relance”³ e o que estava no caminho foi arrastado: maquinário, vagões de “trem monstro”⁴, prédio, ponte, casa, plantação, árvore, boi, cachorro e 272 pessoas, considerando que existiam duas grávidas entre as vítimas.

A uma velocidade de 80 quilômetros por hora, e “sem emitir um som que fosse impuro”⁵, já que alarmes não funcionaram, 86 metros de lama de rejeitos de minérios da mina Córrego do Feijão viraram avalanche e cobriram a paisagem. Em junho de 2022, mais de três anos depois, os bombeiros ainda estão trabalhando para encontrar quatro “joias”, como passaram a ser chamados os homens e as mulheres de quem o minério levou a vida.

A jornalista mineira Daniela Arbex escreveu o livro-reportagem *Arrastados* (2022) para construir um relato minucioso sobre os bastidores desse crime. Ela foi atrás das histórias não contadas dos funcionários da multinacional e trabalhadores terceirizados, além dos moradores da comunidade ou turistas que morreram. Muitas mudanças afetivas e econômicas ocorreram no lugar, as quais foram “impostas pelo

¹ Ensaio produzido na disciplina “Walden, Fausto, Frankenstein: três clássicos no início do Antropoceno”, ministrada pelo professor Dr. Klaus Eggensperger no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR no primeiro semestre de 2022.

² Verso de *A máquina do mundo* (DRUMMOND, 2012).

³ Verso de *A máquina do mundo* (DRUMMOND, 2012).

⁴ Expressão usada por Drummond (2017) em *A montanha pulverizada*.

⁵ Verso de *A máquina do mundo* (DRUMMOND, 2012).

minério de ferro que avermelhou a terra e matou tudo o que respirava sobre ela” (ARBEX, 2022, l. 3.398).

Décadas antes, Drummond denunciava a mineração predatória em versos ou em crônicas publicadas em jornais. “O Rio? É doce/ A Vale? Amarga”⁶. Pelo caminho da poesia ele alertava que a sua serra se esvaía, carregada nas locomotivas que se dirigiam a destinos longínquos, deixando no lugar um pó de ferro que não passaria. A lama tóxica que manchou Brumadinho permanece afetando as cidades banhadas pelo rio Paraopeba (Figura 1). Há também as localidades atravessadas pelo rio Doce, contaminado quando do rompimento da barragem de Fundão, distante 120 quilômetros de Brumadinho, localizada em Mariana (MG), no ano de 2015.



Figura 1: Caminhante olhando o rio Paraopeba. Fonte: Lucas Halle/Funai, 2019

Refletindo sobre a possibilidade de ocorrerem novos casos parecidos com esses no futuro não tão distante, tendo em vista a quantidade alarmante de barragens em situação de perigo no país, Arbex (2022, p. 312) escreve no fim do seu livro: “enquanto o modelo de negócio não mudar e a política da mineração priorizar o produto, em vez da vida humana, não haverá lugar seguro para ninguém”. E, ademais do desastre humanitário, que é evidente, tem-se uma série de consequências para os não-humanos. Segundo ela:

Além das perdas humanas, do comprometimento de toda a identidade cultural da comunidade do Feijão, do prejuízo econômico para diversas atividades, como agricultura, pesca e turismo, e dos danos psicológicos, a enxurrada de lama e de materiais tóxicos devastara o território, alcançando o rio Paraopeba e alterando o equilíbrio do seu **ecossistema**. Junto com o **aniquilamento floresta**, a onda de rejeitos **exterminara**

⁶ Do poema *Lira Itabirana* publicado em jornal no ano de 1984.

animais terrestres, domésticos e silvestres. (ARBEX, 2022, p. 267, grifos meus).

Conforme o poeta Ferreira Gullar (2018), “há coisas/ de que falam os jornais/ às vezes tão rudes/ às vezes tão escuras/ que mesmo a poesia as ilumina com dificuldade”⁷. Todavia, embora se trate de uma dura não ficção, é possível ler *Arrastados*, da jornalista mineira contemporânea⁸, e relacionar a narrativa sobre Brumadinho a uma via de interpretação do poema *A Máquina do Mundo*, de Drummond, publicado em *Claro Enigma* (1951, mas aqui usada a edição 2012) e a outros textos do poeta mineiro que abordam a questão da mineração e são bem explorados pelo pesquisador José Miguel Wisnik (2018) em *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*.

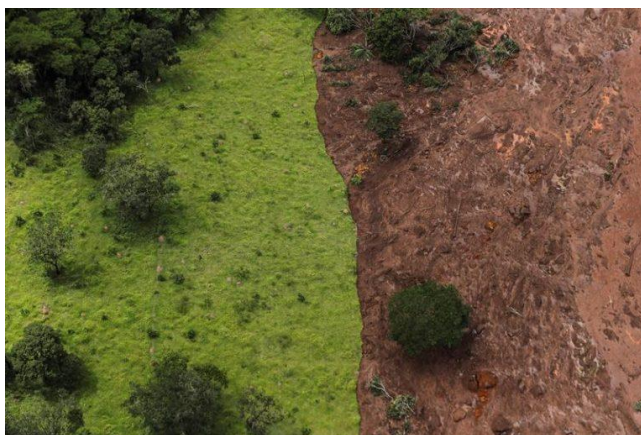


Figura 2: Imagem aérea de área de Brumadinho. Foto: EFE, 2019

Irônico é constatar que, no site oficial da multinacional, consta que a Vale se considera uma empresa “global que transforma recursos naturais em prosperidade e desenvolvimento sustentável” (vide contradição exposta na Figura 2). Sobre esta visão desenvolvimentista a respeito da natureza como recurso, merece lembrança novamente a barragem de Mariana. O autor Ailton Krenak conta que o seu povo chama o rio Doce – localizado entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo – de Watu, considerado na cultura um avô da comunidade indígena, ou seja, uma pessoa, e não um recurso a ser explorado: [o rio] “está todo coberto por um material tóxico que desceu de uma barragem de contenção de resíduos, o que **nos deixou órfãos** e acompanhando o rio em coma. (KRENAK, 2019, l. 191, grifo meu).

⁷ Versos de *Coisas da Terra*, de Ferreira Gullar (2018).

⁸ Daniela Arbex é autora, também, de *Todo dia a mesma noite* (2018, sobre o incêndio da Boate Kiss/RS) e *Holocausto Brasileiro* (2013, a respeito do Hospital Colônia de Barbacena/MG), entre outros livros.

Povos indígenas e ribeirinhos órfãos do rio, moradores órfãos das cidades que existiam antes dos desastres. Órfãos de pai e mãe, literalmente, como muitos ficaram em Brumadinho. E órfãos das paisagens afetivas, como Drummond já se sentia muito antes desses acontecimentos.

Objeto-natureza

Antes de trazer à tona com mais detalhes o poema *A máquina do mundo*, é importante contextualizar de onde parte a reflexão deste ensaio, que aponta um caminho ecocrítico para a leitura. No ponto de vista de Manuel Bogalheiro (2018), considerada o tempo das grandes fraturas, é a Modernidade que impulsiona afastamento entre homem e natureza. “E é esta a fase em que o objeto-natureza analisado, e reduzido a leis matemáticas, passa a ser operacionalizado como se de uma máquina se tratasse” (BOGALHEIRO, 2018, p. 57). Tem-se uma ilusória ideia de controle irrestrito que possibilita um ambiente propício para acontecimentos que consistem em grandes tragédias, como os casos de Brumadinho e Mariana.

Nesse processo de distanciamento, há um emudecimento da natureza. “No intuito dos modernos, analisar a natureza correspondeu a transformá-la num mundo silencioso e controlado, encapsulado numa matriz de cálculo que a mantém, paradoxalmente, afastada e isolada do seu investigador e manipulador” (BOGALHEIRO, 2018, p. 57). Nesse contexto, o homem passa, então, de um papel de habitante para o protagonismo de inventor. Um mundo em que a engenharia torna possível construir montanhas⁹ – de rejeitos.

No caso da Mina do Feijão, até 2016 esses rejeitos eram depositados na Barragem 1 (B1), a maior das quatro barragens do empreendimento. Imponente, ela podia ser vista de qualquer ponto da mina. Desativada naquele ano, a B1 formava um imenso paredão com dez alteamentos a montante, ou seja, construídos sucessivamente sobre o próprio rejeito depositado. É um método comum e mais barato, porém considerado menos seguro. Em quarenta anos de operação, o volume de rejeito despejado na B1 atingiu 12 milhões de metros cúbicos. (ARBEX, 2018, l. 305).

Todavia, mesmo quando não está mais ativa, uma barragem deve passar por monitoramento constante, com aparelhos tecnológicos, testes periódicos e análises a fim de avaliar riscos de vazamentos. A de Brumadinho contava com a elevação máxima, a

⁹ Método “alteamento por montante” era utilizado na B1 do Córrego do Feijão.

considerar uma comparação do seu tamanho: “720 metros de largura, o que corresponde a dez edifícios de 24 andares lado a lado” (ARBEX, 2022, l. 305). Diante do quadro, tinha-se a ideia de que toda essa grandiosidade seria mantida sob controle pela engenharia.

Ainda nesse sentido, Bogalheiro (2018, p. 58) apresenta a imagem do mundo como um relógio operacionalizado por um relojoeiro. Assim, o “sujeito moderno, emancipado pela técnica e pela ciência, se aproxima da figura de criador divino e se assume como *o senhor e o possuidor* do grande depósito que é a natureza, agora operacionalizado por um programa de engenharia absoluta”. Isto é, uma natureza que é explorada até o limite, e em ritmo acelerado, como característica marcante do Antropoceno.

Segundo Bogalheiro (2018, p. 60), “quando se percebe que se pode impor o ritmo humano a todos os processos de constituição de mundo que outrora laborava lentamente, *apenas por si*, o Homem está pronto para se assumir como responsável maior pelo ‘projeto paisagístico planetário’”. Nesse contexto, tal qual o doutor Frankenstein¹⁰ foge em disparada quando a sua criatura abre os olhos, o ser humano no posto de criador padece de um problema de responsabilização.

Trazendo a reflexão ao contexto deste ensaio, sabe-se hoje a partir dos inquéritos apresentados pelos investigadores que a Vale tinha conhecimento das condições da barragem em Brumadinho, porém, pouco agiu para evitar o desastre. Inclusive, manteve o refeitório instalado no caminho que a lama tomaria caso se rompesse. E foi nele, no intervalo do almoço, que a maioria das vítimas perdeu a vida. Como bem pontua Arbex (2022, l. 646): “Obrigatória em empreendimentos dessa natureza, a simulação do cenário de catástrofe feito pela Vale foi de uma precisão assustadora”.

Recursos da terra dominados

A literatura tem o poder de antecipar muitas coisas que parecem utópicas. E é por isso que se torna possível relacionar poemas de distintos contextos históricos ao Antropoceno, ao Colonialismo e a outras abordagens contemporâneas. Na década de 1940, Drummond presenciou a instalação da Companhia Vale do Rio Doce no pico Cauê, em Itabira (MG), sua cidade natal. De acordo com Wisnik (2018), a poesia drummondiana

¹⁰ Referência ao clássico de Mary Shelley.

sobre “os recursos da terra dominados”¹¹ atuou “como engenho da percepção alargada de algo que se adivinha a virtualidade de uma extraordinária expansão” (WISNIK, 2018, l. 3.229). Afinal, a leitura de *A máquina do mundo* faz muito sentido ainda quando olhada pelo viés ecocrítico, mesmo mais de sete décadas depois de escrito.

A promessa de desenvolvimento social e econômico para o Estado e país aventada pela exploração de minérios já se transformava, aos olhos do poeta, em uma “derrota incomparável”¹², ponto de vista que muitos críticos agora analisam com mais atenção em seus versos. Novamente sobre *A máquina do mundo*:

Há no poema, segundo creio, uma inflexão histórica que contracenava complexamente com o questionamento metafísico que está no seu cerne, e tal dimensão ganha importância e magnitude se consideramos o entorno da mineração e a chegada da máquina mundializante a Itabira, que coincide não por acaso com o momento de sua gestação. (WISNIK, 2018, l. 2.542).

Assim, “o trabalho devastador da mineração, que se disfarçava por trás dos morros [...] vai se tornando parte de uma paisagem geral” (WISNIK, 2018, l. 3.211). De tal modo, para o pesquisador, os casos de Mariana e Brumadinho, por exemplo, isto é, “a situação contemporânea induz a que se desencavem do poema os índices e os recados minerais que estão encerrados em seu subterrâneo” (WISNIK, 2018, l. 3.211). E o alheamento da sociedade quanto aos impactos causados pelas ações humanas pode resultar em “oitenta por cento de ferro nas almas”¹³, como bem disse Drummond.

Note-se que, em 2018, quando Wisnik lançou seu livro, ele se referia somente a Mariana, pois o rompimento de Brumadinho se deu no começo de 2019. Atualmente, é possível encontrar palestras e reflexões dele já incluindo o segundo rompimento, chamando ambos os casos de “fraturas expostas”¹⁴. Para o autor, há “sintonia entre a intuição da grande máquina do mundo contemporânea, pelo poeta, e a efetiva ‘máquina do mundo’ em que se transformou a Companhia Vale do Rio Doce” (WISNIK, 2018, l. 3.224).

No poema de Drummond, a máquina do mundo não baixa como se pronta, mas se destila no interior do transe que envolve o sujeito na geografia afetiva que o cerca. Trata-se do umbral indiscernível de luz e escuridão, atravessado pelo som difuso, envolvente e englobante do sino, em que se juntam a estrada de pedra, o caminhante e seus passos secos, Minas e seu páthos imemorial, as aves engolidas pelo céu que

¹¹ Verso de *A máquina do mundo* (DRUMMOND, 2012).

¹² Verso de *IV – Itabira* (DRUMMOND, 2013).

¹³ Verso de *Confidência do itabirano*, de Carlos Drummond de Andrade (2012).

¹⁴ Disponível em: <https://bit.ly/3tk3Msn>.

escurece, coado ainda pelos raios de sol e pelo desengano interior insondável, tudo fundido num todo irradiador e contaminante. (WISNIK, 2018, l. 2.720).

Tendo como pano de fundo esse espaço afetivo, e entre luz e sombra, conforme Wisnik (2018), a máquina apresenta ao sujeito a possibilidade de uma engenharia fáustica, por meio de uma tecnociência “sublime e formidável, mas hermética/ essa total explicação da vida”¹⁵.

Sono rancoroso dos minérios

Vê-se, já com as “retinas fatigadas”¹⁶, casos que se repetem e a cada vez com maior intensidade de devastação. Conforme Arbex (2022), mesmo com os impactos que os colapsos em barragens causaram e reverberam até hoje, nada se alterou na máquina do mercado financeiro. “As tragédias de Mariana e Brumadinho até resultaram em queda temporária das ações da Vale, mas de lá para cá a empresa cresceu. Por maior que seja o desastre, o que parece pesar no cálculo das ações é a capacidade de a empresa gerar lucro” (ARBEX, 2022, l. 3.282). De tal maneira, o poderio da máquina prevalece, e “no sono rancoroso dos minérios/ dá volta ao mundo e torna a se engolfar/ na estranha ordem geométrica de tudo”¹⁷.

Tal como se encena na trama de *Fausto* de Goethe, constata-se na história brasileira que o “crescimento” tem custos humanos, mas também os não tão abordados custos não-humanos, relacionados à natureza. A figura alegórica que prega a aceleração a partir de um pacto-aposta permanece atual em projetos adjetivados de fáusticos nos dias de hoje. Em sua análise da tragédia do desenvolvimento, Marshall Berman (1986, p. 56) reflete sobre o desencantamento moderno, indicando que o homem “será o consumado destruidor e criador, a sombria e profundamente ambígua figura que nossa época virá a chamar de ‘o fomentador’”.

O fomentador atua em sua dualidade de luz e sombra com entusiasmo no mundo colonizado, marcado pelo extrativismo, onde ocorre constantemente a destruição de formas de vida como estratégia para garantir o inatingível progresso. Por isso, lugares são devastados enquanto a grande máquina ganha mais controle, tirando do local o que tem

¹⁵ Verso de *A máquina do mundo* (DRUMMOND, 2012).

¹⁶ Verso de *A máquina do mundo* (DRUMMOND, 2012).

¹⁷ Versos de *A máquina do mundo* (DRUMMOND, 2012).

valor mercantil e vendendo para outros países, enquanto acumula na terra empregando o alteamento por montante o que não serve.

Ao se entreabrir, a máquina evidencia a sua sombra. A violência do tsunami de lama em Brumadinho foi tão grande que os bombeiros procuraram (e ainda procuram) por segmentos corpóreos das vítimas, sendo que foi possível identificar até 15 partes de uma mesma pessoa. Uma dura realidade para os familiares daqueles que tiveram a vida de fato “triturada em 163 vagões de minério e destruição”¹⁸.

Hoje, a Vale é também responsável por indenizar financeiramente os habitantes de Brumadinho, estabelecendo valores para questões que não têm preço. E sem contar a difícil mensuração de danos diante da prática de diversos “crimes ambientais de poluição e contra a fauna terrestre e aquática, a flora, os recursos hídricos, unidades de conservação e sítios arqueológicos”¹⁹. Assim, se amplia a dependência da máquina e se inibem possibilidades de recusa a ela.

Arlete ainda se recusa a enterrar somente um pedaço do filho. Permanece à espera de que o restante seja encontrado. Para além dessa dor, ela também viveu, como outros familiares de vítimas, o esgarçamento das relações sociais na cidade, em virtude dos valores distribuídos pela Vale a título de indenizações (ARBEX, 2022, l. 2.758).

Dentre as muitas dimensões com as quais o poema *A máquina do mundo* permite diálogo, aqui se buscou estabelecer relações com os traumas recentes ocorridos em Brumadinho e em Mariana. Para tal, versos foram entremeados com tristes fatos – numa objetificação versus subjetivação. Afinal, é factível que “o maior trem do mundo/ transporta a coisa mínima do mundo”²⁰, e não há como não olhar aqueles que ficaram embaixo dos dormentes para que a máquina seguisse o seu caminho.

Todavia, neste ponto se apresenta um questionamento: o que fazer com toda essa maquinação panóptica do mundo? É possível se livrar dela? Nesse sentido, importa também trazer à tona o viés de possibilidade de resistência e de ressignificação que se abre a partir da literatura, na mesma que resignada, mas ainda recusa do sujeito em relação ao que a máquina lhe oferece no poema de Drummond.

No percurso, cabe refletir sobre uma pergunta retórica que o ensaísta norte-americano Henry David Thoreau (2018, l. 357) escreveu nos anos 1800, ainda muito

¹⁸ Verso de *O maior trem do mundo*, publicado em jornal em 1984.

¹⁹ Disponível em: <https://bit.ly/3xiXQBa>.

²⁰ Verso de *O maior trem do mundo*, publicado em jornal em 1984.

pertinente aos tempos atuais: “A vida que os homens louvam e consideram bem-sucedida é apenas um tipo de vida. Por que havemos de exaltar só um tipo de vida em detrimento dos demais?”.

Ao que Krenak complementa, após sua comunidade ser colocada mais uma vez numa situação de fim do mundo por causa da contaminação do rio Doce por resíduos tóxicos: “A respeito dessa ideia de recurso que se atribui a uma montanha, a um rio, a uma floresta, em que lugar podemos descobrir um contato entre as nossas visões que nos tire desse estado de não reconhecimento uns dos outros”? (KRENAK, 2019, l. 242).

As respostas para tais questões devem ser construídas refletidamente no caminho, ainda que seja “uma estrada de Minas, pedregosa”²¹.

²¹ Verso de *A máquina do mundo* (DRUMMOND, 2012).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo**: Esquecer para lembrar. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro Enigma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.
- ARBEX, Daniela. **Arrastados**: os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022. Kindle.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOGALHEIRO, Manuel. O fim da natureza: paradoxos e incertezas na era do Antropoceno e do Geo-constitutivismo. **Revista de Comunicação e Linguagens**, 48, 2018. Disponível em: <https://rcl.fcsh.unl.pt/index.php/rcl/article/view/68>. Acesso em 2 de junho de 2022.
- GULLAR, Ferreira. **Dentro da noite veloz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Kindle.
- THOREAU, Henry David. **Walden ou a vida nos bosques**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: L&PM Editores, 2010. Kindle.
- WISNIK, José Miguel. **Maquinação do mundo**: Drummond e a mineração. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Kindle.